

# Feminismo Comunitário de Iximulew-Guatemala

## Diálogos com Lorena Cabnal

Claudia Korol<sup>1</sup>

Tradução: Luiza Dias Flores

Revisão: Indira Caballero

*Nos processos de encontro das Feministas de Abya Yala, e nas Oficinas de oficinas realizadas pelo Pañuelos en Rebeldía, tivemos a oportunidade de promover diferentes diálogos com Lorena Cabnal.*

*Lorena é uma mulher que se reivindica como originária dos povos indígenas maya e xinka, se assume feminista comunitária territorial, vem de uma experiência de colaboração nos processos comunitários da infância e da juventude indígena da Abya Yala e na revitalização da identidade étnica xinka na montanha de Xapalán, Guatemala.*

*Contribuiu com a formação da organização indígena de mulheres xinkas na montanha, e a formação de uma frente de luta contra a mineração de metais, contra 31 licenças impostas no departamento de Japala, e em diferentes espaços de luta e defesa territorial nacional e continental.*

*Nos últimos anos impulsionou a criação da Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario Territorial de Iximulew-Guatemala, e é uma das mulheres indígenas que colabora com a construção de uma epistemologia feminista comunitária territorial em Abya Yala a partir de suas reflexões, pensamento e ação política em territórios e comunidades indígenas em diferentes povos no continente.*

*Publicamos fragmentos destes diálogos realizados entre 2016 e 2017.*

*Recebido em 30 de agosto de 2021.*

*Aceito em 15 de novembro de 2021.*

1 - [Nota da Tradutora] Comunicadora argentina, feminista e educadora popular. Este artigo é um composto de diversos fragmentos de conversas com Lorena Cabnal ocorridas na Argentina, durante atividades do Pañuelos en Rebeldía, originalmente publicado no livro "Diálogo de saberes y pedagogía feminista: educación popular", compilado por Claudia Korol, publicado por Ediciones América Libre, em Buenos Aires, 2017.

## O que é o feminismo comunitário

Sou Lorena Cabnal, feminista comunitária, maya xinka, integrante da *Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitário Territorial de Iximulew*. Iximulew é o que a colonialidade nomeou como Guatemala. *Ixim* (milho), *ulew* (terra), terra do milho. Venho daí. Gostaria de compartilhar alguns elementos dessa proposta plural dos saberes ancestrais e feministas territoriais na Guatemala. Gostaria de convidá-las para que sintam minha palavra, para que escutem minha palavra sentindo-a. Se a racionalizarem, daremos poder e mais poder à lógica racional, como um dos poderes colonizados pela construção que está profundamente internalizada em nossos corpos. Convido-as para que não racionalizem o que vou compartilhar. Só sintam minha palavra, que não é de minha individualidade, mas vem de vários corpos de mulheres indignadas, com quem tecemos essa proposta.

Sentir a palavra é um ato de descolonização da racionalidade que nos impuseram como uma maneira positivista de interpretar uma realidade. Somos corpos sentipensantes. Com isso rebatemos o que a filosofia ocidental nos ensinou como “penso, logo existo”.

Gostaria de dizer quais são os caminhos ou maneiras para ampliar nosso horizonte interpretativo feminista nestes tempos, que convocam a reconhecer as diferentes epistemologias que dialogam no continente. Algumas escrevem, algumas buscam a internet, algumas vão a palestras, e algumas de nós reivindicam a oralidade feminista territorial.

Algumas de nós não escrevem. O feminismo comunitário territorial na Guatemala não escreveu um livro, mas há outras irmãs que o estão fazendo, outras companheiras de outros feminismos que estão publicando livros. Eu acredito na *pluralidade feminista*, e creio que algumas coisas vamos escrever e outras

não. Nós, dos povos ancestrais, somos povos orais, por isso, vamos à comunidade e ali conversamos, sentimos, tocamos, e nesses espaços vamos tecendo a *intencionalidade feminista*. Isso dá elementos de ampliação desse horizonte, dos diálogos plurais entre feministas e com feministas.

O que gostaria de contar a vocês é como nós, mulheres indígenas, em uma montanha da parte oriental da Guatemala nos juntamos, e qual foi a razão dessa junção. Nunca pensamos nem imaginamos tecer uma proposta que hoje dialoga com outros feminismos em vários lugares do mundo, em vários povos. Essa proposta, sentimos chamá-la nesses últimos tempos como uma proposta feminista comunitária territorial porque traz, precisamente, duas dimensões como contribuição aos feminismos no mundo, a partir de uma marca histórica que nasce em uma montanha, Xalapan, em uma comunidade indígena na parte oriental da Guatemala. Essa comunidade indígena será o berço deste feminismo comunitário neste contexto, pois também reconhecemos que hoje estamos falando da pluralidade de feminismos comunitários. Há feministas comunitárias autônomas em Chiapas, há feministas comunitárias na Bolívia, há feministas comunitárias anti-patriarcais, feministas populares; há mulheres que tomam elementos dos diferentes feminismos comunitários que estão sendo tecidos para processos de análises e debate, e se nomeiam a partir de sua autonomia histórica e territorial. Neste momento histórico, nos juntamos pela indignação, pelos corpos de mulheres pobres, pelas mulheres desnutridas buscando comida. Nossa luta era por fome, por alimento. Batemos nas portas até do Banco Mundial de Alimentos, de ONGs, de embaixadas, na porta da Secretaria Social de Obras da esposa do presidente. Batemos porque estava declarada a fome na Montanha. No ano de 2002, em dezembro, catorze meninos morreram por infecções e problemas respiratórios e

gastrointestinais e onze mulheres faleceram no momento de dar à luz. No momento de dar à luz as mulheres morriam porque eram corpos extremamente desnutridos. Isso atravessa o corpo.

No ano de 2004, começamos uma luta contra a violência sofrida pelas meninas, pois havia uma situação complexa em uma comunidade indígena na Montanha, onde a naturalização das formas de violência contra os corpos das meninas passa por uma interpretação dos usos e costumes: “a vida sempre foi assim e é inquestionável”.

Isso marca muito porque a história de violência sexual que vivemos em nossos corpos os atravessa, e atravessa muitas das relações que começamos a fazer na defesa territorial. Porque a defesa do território ancestral entre os povos indígenas é antiquíssima, desde antes da colônia. Também foi um convite para poder pensar mais além, e sentir mais além, no que acontece com os corpos das mulheres indígenas. Nessa comunidade eu me perguntava o porquê de nós, as mulheres indígenas, sermos as mais empobrecidas; o porquê de sermos as que têm menos acesso à educação; o porquê de não haver uma só mulher universitária em mais de 100 mil habitantes nessa montanha; o porquê de termos quinze, dezoito, vinte filhos; o porquê, o porquê, o porquê. Eu não era feminista, não me nomeava feminista, nem andava por nenhum caminho dos feminismos. Só sentia que algo me incomodava, e não tinha nome, não tinha maneira de nomeá-lo. E como venho de viver a violência sexual de um homem indígena que foi meu pai, isso me incomodava muito, muito, muito na comunidade indígena, quando olhava outras meninas e não sabia como nomear. Porque também vivia sob a opressão do cacique indígena, dirigente, e, além disso, pastor evangélico na comunidade. Isso marca o teu corpo, te faz chorar, te faz sentir vergonha do corpo. Essa negação, que tivemos muitas de nós, dos corpos com os quais nascemos.

Nesse tempo, então, começamos a falar: “bom, mas assim como defendemos a terra contra os grandes latifundiários que usurparam mais de 50% do território ancestral xinka, quem nos defende?”. No ano de 2005 nasce uma primeira maneira de dizer, “pois, então, defendamo-nos a nós, aprendamos a nos defender, pois esse corpo é como um território a defender. Quem mais vai defendê-lo se não você?”. Aí nasce pela primeira vez um corpo como um território para defesa. E depois vamos nomeá-lo como *“meu corpo, meu primeiro território a defender”*.

No ano de 2005, 2006 e 2007 a problemática da mineração avança na Guatemala. Para o ano de 2007 saímos em jornadas históricas com milhares de companheiras e companheiros que descemos da montanha à zona urbana, protestando contra trinta e uma licenças de mineração de metais, exigindo do Estado da Guatemala. Não só protestávamos pelo etnocídio estatístico nesse tempo, pois diziam que na montanha Xalapán não existia nenhum xinka, que lá o povo xinka já estava extinto, mas também protestávamos porque houve concessão sem consulta ao povo. Se houvessem consultado, o povo diria que não. Essa denúncia contra as trinta e uma licenças de mineração de metais na montanha começou a nos trazer outra dimensão política dos corpos. No ano de 2007 nasce um *slogan* político-territorial que depois se converteu em um enunciado, que também vai dar vida ao feminismo comunitário territorial, que é *“a defesa do território corpo-terra”*. Aí sim estávamos nas ruas, nos caminhos, era um *slogan* político. Hoje dizemos em xinka *“defesa e recuperação do território corpo-terra”*. Resulta que sobre todos os corpos foram construídas as múltiplas opressões.

Não escolhemos onde nascemos. Eu não escolhi ser mulher indígena, você não escolheu ser branca. Então, esses corpos são detentores de muitas opressões que internalizamos. De uma maneira extremamente complexa, esses corpos

vivem na cotidianidade as muitas opressões. Por isso, esse feminismo comunitário se nomeia territorial. E por territorial trago o enunciado de Abya Yala. O que a territorialidade nomeou como América ou América Latina, nós dos povos ancestrais, no idioma do povo kuna, estamos revitalizando uma renomeação territorial continental e dizemos Abya Yala. *“Assim como o sangue que corre livre”*. Quando tu estás *lunando*, estás sangrando, estás menstruando, não há fronteira no corpo e o sangue caminha livre. Dizia-me uma avó kuna, porque eu lhe pedi que me contasse algo mais sobre Abya Yala: *“quando vais visitar uma arvorezinha que está muito apagada, que não quer crescer, quando estás lunando, estás menstruada, pare perto de uma arvorezinha, abra as pernas e lave teu sangue. Teu sangue cairá na terra, a arvorezinha e suas raízes vão chupar teu sangue que lhe dará vida, e segue a vida. Assim é a Rede da Vida”*. Esse é um princípio de reciprocidade na Rede da Vida. Então, Abya Yala é o sangue que corre livre. É uma noção bonita, continental, que hoje abraça os caminhos e os povos. Nessa Abya Yala é importante também dizer que para nós, como feministas comunitárias, nomear-nos tem toda uma história.

Mas vou a um ponto vital, que creio ser importante compartilhar com vocês. Começamos a questionar vários feminismos que estão dialogando nos territórios indígenas, porque também são irmãs, companheiras e cúmplices nessa Rede da Vida, que muitas vezes nomeiam as opressões das mulheres como opressões padronizadas no mundo. Não queremos hierarquizar opressões, mas é importante dizer que há diferenças políticas, históricas, estruturais e territoriais nos corpos e na terra. É importante trazer a dimensão política enquanto feministas que nós, mulheres indígenas, estamos dizendo que existe um *patriarcado ancestral originário* e que para nós é importante desvendá-lo desde

esse lugar de enunciação que é a terra onde nascemos, com as múltiplas opressões do sistema patriarcal. Porque é o sistema patriarcal originário que se gestou antes da colonização. É uma forma patriarcal que tem uma configuração diferente daquela que nos chegou há 526 anos, que cruzou o mar em barcos e nos trouxe outras formas patriarcais que operavam lá, do outro lado. O *patriarcado ancestral originário* tem sua própria temporalidade, seu contexto, sua maneira de se manifestar. O machismo que expressa um homem indígena não é o mesmo machismo que expressa um homem urbano, um homem branco, um homem da Europa, um homem negro. Não é o mesmo. Os fundamentalismos étnicos têm outras configurações e operam de maneira diferente. Por isso nos custa muito chegar às comunidades e falar de gênero, porque dificilmente o gênero atravessa os corpos das mulheres indígenas. Até podemos desvendar, interpretar e dizer às irmãs e companheiras indígenas que compreendam o gênero no castelhano colonial. Vamos aprender de memória e vamos repetir, e se vocês nos ensinam a soletrar, vamos soletrar. Mas quando você traz o corpo, toca o sangue, toca a terra, isso sim se sente, pois somos corpos *cosmo-sencientes*.

Nós, dos povos ancestrais, não temos filosofia, o que temos é cosmogonia. Tudo relacionamos com o Cosmos, esse elemento de energia de vida na Rede da Vida. Ainda que soe redundante, eu lembro que quando começávamos a dizer “a defesa da terra e do território”, havia muitos movimentos ecologistas que nos diziam: “vocês estão dizendo o mesmo, terra e território é o mesmo”. Pois não, não é o mesmo. As reuniões continentais de povos e nacionalidades indígenas de Abya Yala colocaram em debate mundial justamente a defesa da terra e do território, e o paradigma ancestral originário dos Bem Viveres. Não quero dizer Bem Viver. Por que padronizá-lo? Há pluralidade. Aqui será o Sumak Kawsay,

mas em outros lugares pode se chamar de outro modo. A partir deste lugar de enunciação, que é um território histórico onde estamos habitando há milhares de anos corpos de mulheres, corpos de homens, corpos plurais deste lado do mundo, enunciar uma forma patriarcal ancestral originária é vital. Com isso, eu não vou tirar a responsabilidade política de tudo o que foi o embate colonial, a colonização como tal. Porque essa forma patriarcal que vem do outro lado já havia construído a igreja como instituição, o matrimônio, a virgindade, o pecado, cristo, a virgem. “Ah! – disse minha avó – Deste lado não existia o pecado, nem as virgens, nem a religião, nem o diabo, nem o inferno”. Não existiam, deste lado. Não existia o vestido branco. Tínhamos nossos problemas, claro, mas tudo isso veio a agravá-los. Havia disputas territoriais antes da colônia. Esse patriarcado colonial ocidental não veio só. Lembremos que também já havia colonizações na África, e trouxeram corpos escravizados, corpos negros. Mas com esses corpos negros escravizados que trouxeram para esses lares, também veio uma forma patriarcal ancestral africana. Por isso o machismo, e como ele opera em comunidades garífunas, afro, tem também suas maneiras, temporalidade e contexto. Eu acredito que há que sentir essas outras dimensões políticas das corporalidades e suas histórias.

Essa junção, que as irmãs aimarás bolivianas feministas comunitárias nomearam como o *“entronque patriarcal”*, essa convergência patriarcal que é maldita, esse berço colonialista, será tão complexa porque será perfeita para que nasça uma das formas de opressão brutal sobre nossos corpos, que vivemos até o dia de hoje, que é o racismo. Esse racismo se junta com uma forma de capitalismo que emerge desta terra e destes corpos. Corpos escravizados e territórios expropriados de comunidades indígenas darão a base para que nasça um novo modelo econômico sobre



Abya Yala. Aqui, a desapropriação e o saque, a violência sexual e o genocídio têm que ser entendidos, irmãs, companheiras feministas, porque senão, temos parcialidades nas epistemologias feministas para interpretar as opressões que vivemos como mulheres indígenas e que hoje estamos saindo para dialogar, porque acreditamos na pluralidade dos saberes, para refletir sobre o mundo novo que queremos. Essas formas complexas de poder e de opressão: *patriarcado ancestral originário, patriarcado ocidental colonial, patriarcado africano*, essa colonialidade maldita, o racismo, o capitalismo com todas as suas fases.

Recordemos de todos os processos de independência de países deste lado, lembremos como estava a situação econômica decadente antes da colonização da Espanha, o que acontece no momento da colonização e qual foi o empurrão impressionante que levou a Espanha a ser, então, a primeira potência econômica. A análise de como operava a economia política na Espanha no momento da colonização é chave. Também há que se analisar a espoliação, o saque que se faz dos povos ancestrais. Como se produziu a mercantilização da terra. Não tínhamos a relação da propriedade privada da terra. Logo vem a expropriação e tudo o que se construiu. O Estado-Nação colonial que hoje temos como herança se tornou uma das situações complexas que legitimou e legalizou poder, opressão e controle sobre essas formas de vida de Abya Yala.

Por que os Estados Unidos se converte na primeira potência mundial econômica? Isso tem história. Tem história no petróleo, na desapropriação dos povos originários do norte, das e dos irmãos, que também fizeram resistência e hoje seguem tendo lutas e resistências. É a partir dos corpos e da terra que se instala um novo modelo econômico sobre Abya Yala, e portanto todo o acumulado que traz o colonialismo e os colonialismos do outro lado do mundo, vão estabelecer um imperialismo.

Em toda Abya Yala vemos a entrada impositiva do militarismo a partir do colonialismo e da experiência do imperialismo. Logo vêm as histórias nas quais se busca a liberação, e do que em seguida será a conformação dos Estados nacionais. O liberalismo que se impõe forma fronteiras, aí se rompe Abya Yala (que é terra livre, sem fronteiras, sem nações). Assim se instauram as independências na época liberal, os nacionalismos, o idioma espanhol, inglês, francês ou português. Se instaura o modelo de estado-nação colonial que hoje em dia temos em cima dos povos. Esse estado-nação colonial hoje, com seus poderes executivo, legislativo e judiciário, está debaixo de toda esta estrutura, por isso é patriarcal, racista, lesbofóbico, homofóbico, xenofóbico.

Nascemos hoje, nesta época complexa que instaurou o neoliberalismo. As etapas, que chamamos fases do capitalismo sobre Abya Yala, são complexas. Agora com a globalização, com a crise mundial, o que previram os avôs e avós se cumprirá se não assumirmos uma responsabilidade política, cosmogônica ante a vida: a vida vai se acabar.

Quero ir diretamente a esses saberes que hoje estamos compartilhando com alguns feminismos no mundo e com comunidades indígenas que não falam o castelhano colonial, mas só o idioma originário, cujas interpretações são plurais e não estão dentro do marco interpretativo do castelhano ocidental.

Vamos nos apoiar neste fio para imaginar que estamos aqui, que hoje é 26 de novembro no calendário gregoriano. Imaginemos que o fio verde é a memória ancestral dos povos. O tempo por princípio não é linear, ainda que agora o usemos assim em vez de circular. O tempo dos povos é plural, é uma memória ancestral. Aqui está o fio do tempo enrolado na pedra, a memória ancestral, e é uma memória ancestral que para o povo maya não tem 2016 anos. Imaginemos que onde se fez esse nó há 5.125 anos é a memória

do calendário do povo Maya como registro, os encerramentos dos Oxlajuj Baktún.

O anterior Oxlajuj Baktún se encerrou há apenas quatro anos, em 2012. Imaginemos que estamos iniciando um novo ciclo de tempo. Se aqui há 5.125 anos, nós, as feministas comunitárias na Guatemala, tivemos uma postura transgressora e um atrevimento que foi complicado, mas, ao mesmo tempo, extremamente libertador para nós, e esse tecido está chegando a muitas comunidades e povos. Se nós abordamos o patriarcado como um sistema de opressão em um tempo ocidental, não podemos situar esse patriarcado da colônia para cá. Se aqui há 5.200 anos, as feministas comunitárias de Iximulew-Guatemala argumentamos, segundo o calendário da longa memória maya, que é muito possível que uma forma patriarcal ancestral originária tenha sido gestada entre essa temporalidade e hoje vemos os efeitos aqui. Há formas ancestrais patriarcais originárias. Como posso dizer isso? Se me pedirem comprovação, não poderei comprovar nada segundo o método científico, porque não venho da construção de categorias, de conceitos, de acordo com um método científico para comprovar o pensamento e estabelecer a construção do conhecimento objetivo positivista: não posso.

Nós viemos da oralidade, do que está escrito nas pedras, do que já existe, do que está aí, nos grandes centros cerimoniais. Então aqui há para nós 10.400 anos. Em cada Oxlajuj Baktún há uma tremenda reflexão do povo Maya, são feitas grandes cerimônias e diz-se *“bom, vamos refletir sobre a vida, vamos refletir porque há coisas que estão acontecendo que atentam contra a Rede da Vida”*.

Isso é importante vital e politicamente porque faz-se vida para nós. Propor uma temporalidade interpretativa política de como se constrói o sistema patriarcal nos povos originários é muito importante para desmontar uma temporalidade que situou os corpos dos povos, afirmando que se

os homens indígenas dos povos originários são machistas é devido à colônia; se há gays, lésbicas, trans etc. nos povos originários, são “doenças” que a colônia nos trouxe. E para desmontar que o feminismo também é “colonial”.

Essa temporalidade de 5.125 anos é uma temporalidade que nós, mulheres originárias, repensamos. Porque então dizemos que no Oxlajuj Baktún as avós e os corpos plurais desse tempo deixaram reflexões de cosmogonia profunda para a vida. Tu és um elemento no Cosmos, és parte de uma inter-relação impressionantemente linda, em uma reciprocidade de energia vital na Rede da Vida. Essas reflexões deixadas há milhões de anos não são assim porque sim. É preciso desmontar, descolonizar e despatriarcalizar essa nomeação da profecia, pois não existe. O que existe é uma premonição, uma predição no tempo, que afirma que se seguirmos vivendo de tal maneira, atuando de tal maneira, a Rede da Vida está em risco, quer dizer, a vida mesma no planeta, no Cosmos.

Essas tremendas reflexões nos dão elementos, e a partir disso há uma quantidade de elementos mais para sentir, suspeitar. Chamo isso de *suspeita cosmogônica*, de que algo passou na Rede da Vida, que rompeu essa linda relação de haver vivido outros tempos bonitos, outras convivências plurais, e que hoje, vivendo aqui, perdemos, como por exemplo a memória da natureza, a memória ancestral, mas também perdemos muito a relação entre os corpos. Porque um princípio da cosmogonia é a pluralidade.

Na Rede da Vida se concebe a pluralidade como princípio, onde absolutamente tudo é plural, portanto não há dois corpos iguais, não há duas flores, não há dois rios, não há duas pedras iguais; tudo é plural. E a pluralidade como princípio da cosmogonia nos fala também dos corpos, e os corpos não podem ser concebidos unicamente como corpos heterossexuais

na Rede da Vida, não se pode conceber uma comunidade heterossexual unicamente porque se rompe o princípio de relação cósmica plural.

Em nenhum idioma originário existe atribuição genérica dos corpos. Esse é um eco ancestral da Rede da Vida que foi rompida. Essa Rede da Vida em que estão os corpos junto com a lua, as fases lunares e o sol, foi rompida por muitas razões.

Nessa trama histórica estrutural de opressões, se concatenam as lógicas do sistema patriarcal capitalista e neoliberal contra os corpos das mulheres e homens que estão fazendo a defesa territorial. A perseguição, as ordens de captura, desaparecimento, criminalização, judicialização, feminicídios, todas as opressões para nós são essa trama histórica estrutural que hoje estamos vivendo, instalam dores, sentimentos, somatizações, indignações, e são os corpos que carregam isso. Levar essas cargas históricas de povos empobrecidos, racializados, sexualizados; não posso interpretar de outra maneira sendo mulher indígena, isto é, interpreto desde a possibilidade do que temos construído como proposta feminista territorial.

Então, se como mulher indígena só quero fazer uma luta contra o colonialismo, porque é o que me foi imposto, minha situação está arruinada. É como quando se poda e se deixa a raiz. Se não vou mais além, se fico situada faz 526 anos, posso reproduzir algo que nomeio como uma *posição histórica vitimizada*: jogo a culpa ao colonialismo de tudo o que vivo, como mulher e como povos indígenas. É claro que não estou tirando a responsabilidade política desse fato histórico, sangrento, que condeno, do colonialismo e dos colonialismos sobre Abya Yala, mas me parece importante nessa Oficina de oficinas, *sentipensar* até onde fazemos a luta. Fazemos uma luta só contra o capitalismo como sistema de opressão e a partir daí queremos transformar, e que isso seja a revolução?

Fazemos uma luta contra o capitalismo e o racismo, mas não a fazemos contra o colonialismo e contra o sistema patriarcal? É uma luta parcial. Se não fazemos uma luta onde se enunciem os corpos das irmãs, companheiras, contra os essencialismos indígenas, é parcial. Porque então resulta que as mulheres que defendemos o território-terra, também temos que defender nosso território-corpo, porque dentro das comunidades e do movimento indígena e da esquerda socialista temos que lutar contra o assédio sexual, contra a violência sexual, contra as imposições de pensamentos e das dirigências masculinas.

## A suspeita cosmogônica

Eu não posso conceber que o patriarcado se constrói universalmente de uma só maneira. Creio que há manifestações diferenciadas da construção do patriarcado em diferentes povos.

Participei da Escola Nacional Feminista da Guatemala. Dali vem muito do meu desejo de fortalecer uma identidade feminista. Lembro que quando estava nessa escola se falava muito da temporalidade do patriarcado como sistema de opressão. Então, as interpretações e as temporalidades iam desde os 3.500, 4.000 anos, até Silvia Monzón, que propõe uma construção patriarcal de 10.000 anos.

Parece-me que é complexo neste tempo falar só desde um lugar de enunciação. Eu quero falar desde este território-corpo que é de mulher indígena, porque este é meu lugar de enunciação. Não falo “pelas” mulheres indígenas porque eu sou mulher indígena, falo com autoridade epistêmica porque esse corpo viveu a violência sexual, o racismo, o colonialismo, o exílio político, a criminalização, a judicialização, a estigmatização. Então, me parece que uma convocatória para os diferentes feminismos que tecemos é trazer essa possibilidade da pluralidade feminista que convoca

desde os diferentes lugares de enunciação, para voltar a tecer a rede da vida. Eu quero seguir acreditando nessa possibilidade. Ainda que não nasci nesse mundo lindo que eu gostaria de nascer, sem patriarcado, sem racismo, sem violência, temos esse compromisso, quero seguir tecendo essa possibilidade, voltar a tecer essa rede da vida neste tempo em que nasci. Eu acredito nessa possibilidade que por muito maldita e complexa que seja a vida, é possível reivindicar minha existência. Um dos triunfos sobre os corpos das mulheres que o sistema patriarcal quer nos fazer acreditar é quando uma irmã se suicida. Por que digo assim? Por que o sistema patriarcal quer que morramos com corpos infelizes, doentes, sentindo que não valeu a pena nascer, sentindo que em algum momento queremos jogar tudo para cima porque não nos adequamos, estamos em desencontros, ou cruzadas, e é complexo. Eu acredito que é possível ressignificar a existência nesse tempo, que é possível entrar nessas múltiplas opressões que temos internalizadas nos corpos para curá-las. Creio profundamente que nos corpos também estão a potência política para nos emancipar e para nos curar, e creio que muito da energia vital da vida está nos elementos do cosmos e da natureza. Porque na natureza não nasce poder e controle sobre os corpos. O sistema patriarcal não se criou da natureza. Se criou e se gestou nos corpos. Atrevo-me a dizer que não acredito que o sistema patriarcal foi criado em corpos de meninas e meninos. Não acredito. Precisou se criar em outros corpos. Eu acredito na possibilidade de voltar a tecer a Rede da Vida. Falar de recuperação do território corpo-terra é argumentar também que sinto que não haverá sustentabilidade política naquelas propostas feministas que não convoquem à emancipação dos corpos com a emancipação da terra.

Um dos vazios em que eu me encontrava, junto a três irmãs quando participávamos da Escola Feminista, era que várias das

companheiras que facilitavam a escola nos traziam uma escola com vários elementos sobre como foram construídos os feminismos no mundo, as ancestrais feministas, e sentíamos vazia a participação das mulheres originárias. Isso gerou um debate muito forte. Eu me perguntava: será que minhas ancestrais, as avós, nunca contribuíram para a construção do mundo ou nunca lutaram contra tudo isso? Eu questionava muito isso, interpelávamos muito as facilitadoras naquele momento. Mas logo comecei a me auto-interpelar: nós, mulheres indígenas somos malditas, estamos culpando às companheiras facilitadoras feministas e, além disso, estamos dando a elas o poder de nos interpretar. Não são elas que têm que contar a história de nossas avós, de nossas ancestrais, somos nós mesmas.

Assim, começa o que chamamos de recuperação da *femealogía* (termo que tomamos de Ana Silvia Monzón) juntamente com nossas ancestrais, quer dizer, a *femealogía das ancestrais*. Hoje falamos da longa memória de nossas ancestrais, porque entre as interpretações de como se constrói o sistema patriarcal é importante reivindicar a memória de luta e as resistências, as ações, as maneiras de como nossas avós contribuíram com seus tempos, contextos, contra as formas patriarcais ancestrais originárias e coloniais, e é nesse marco interpretativo do feminismo comunitário territorial desde Iximulew-Guatemala que estamos tomando a temporalidade relacionada ao povo maya. Estamos partindo disso.

Falo desde Lorena Cabnal. Obviamente não construí isso sozinha, construí com outras irmãs em coletividade, mas com a responsabilidade política do que digo, vou enunciar a partir do meu território-corpo. Para assumir a responsabilidade política do que digo, coloco o corpo nessa linha frontal para sentir e dizer desde o lugar de onde falo. Uma das suspeitas cosmogônicas que



eu começo a sentir, que era um dos meus maiores desencontros, é que nascendo na convivência familiar com meu pai e minha avó maya quekchí – ela e ele provenientes de uma linda herança indígena maya q'eqchí, com toda história ancestral, de onde vem o calendário maya, a cosmovisão maya –; na minha primeira infância, eu experimento meus maiores desencontros e começo a descobrir em meu mundo de opressão enquanto menina a violência sexual que eu vivia do meu próprio pai indígena, líder comunitário e religioso, e como eu a naturalizava.

Eu lembro que quando vou estudar na escola primária, me encontro com uma das meninas com quem me juntei para conversar e conto a ela o que meu pai fazia comigo porque ele me queria bem. A menina me observa, abre seus olhinhos e me diz: “mas isso teu pai não pode fazer, os pais não fazem isso com as meninas”. Me zanguei muito com ela e lhe disse: “se teu pai não faz isso em ti é porque não te quer bem”. A violência sexual está internalizada no corpo, está internalizada de tal maneira que atravessa nosso corpo. De alguma maneira, quando fui crescendo e comecei abrir os olhos para o mundo, começo a suspeitar, não tinha nome, não sabia como nomeá-lo.

Uma das minhas reflexões que me acompanhou pelos caminhos, por volta dos meus 25 anos, na comunidade indígena de Santa Maria Xalapa, era: O que aconteceu com os corpos ancestrais? O que nos aconteceu? Algo está mal aqui. Se falamos que nós, dos povos, somos paz e amor e queremos nos enunciar assim frente aos brancos, por que o que queremos demonstrar de paz e amor tampouco é tão real e tão certo? Naquele momento eu dizia: se supõe-se que o que amas na vida, cuidas e proteges e se, ao contrário, estás destruindo-o, é uma incoerência. Lembrava da relação com o meu pai. Se meu pai é um homem indígena, que fala da cosmovisão, por que me fez tudo aquilo? Me sentia

impotente. Começo a suspeitar a partir de meu próprio corpo, de minha própria história, de minha própria dor. Enunciamos ao território-corpo como primeiro território de defesa. A suspeita cosmogônica é suspeitar de tudo o que está construído social, cultural, etnicamente, na medida em que te subjuga, te entristece, te dá desesperança, te leva à morte, te condena à frustração, te leva a sentir depressão. Isso segue rompendo com a Rede da Vida e é incoerente com toda aquela herança, já que todos os corpos felizes carregam energia vital na Rede da Vida. Não posso conceber que os corpos tenham nascido para ser infelizes, não há razão para nascermos no mundo e na Rede da Vida para viver doentes, com machismo, com violência sexual, nem empobrecidas ou empobrecidos.

A violência sexual me marcou. No trabalho político e espiritual que tenho desenvolvido até o dia de hoje, não tenho uma memória que carregue uma temporalidade de quando é que se inaugura em minha vida a violência sexual. O que tenho tecido, como algo evidente, é que em meu corpo estão todas as marcas de uma memória corporal, espiritual, política, física. Aí estão gravados, como memória, todos os efeitos do sistema patriarcal, do colonialismo, do racismo, do neoliberalismo, estão aí.

Agora já fui roubada, posso sobreviver, já não me entristece, e reivindico a alegria sem perder a indignação. Isso vem como caminho de cura. E são caminhos de cura que não têm para mim uma conclusão, como se eu pudesse dizer hoje que estou inteiramente curada. Isso seria uma incoerência e suspeitem política e cosmogonicamente. Estou em caminhos e processos de cura, sigo sarando. Na *Red de Sanadoras Ancestrales* temos um enunciado que vem de uma nomeação maya k'iche': "você é eu e eu sou você". Diz-se isso à pedra, à árvore, à água, à terra, a esse corpo que pode ser heterossexual, bissexual, intersexual, lésbico,

plurisssexual; quer dizer, a reciprocidade do outro, outra, *outra* comigo, porque todos os corpos somos energia vital da vida, assim como a pedra, a água, o ar.

A suspeita cosmogônica me levou a fazer uma primeira interpelação, e então despertar a consciência, por que as mães das meninas às cinco da tarde têm medo que elas vão urinar, por que roubam as meninas e essa é uma prática comunitária que se vive como normal? A suspeita cosmogônica nos causa incômodo. Ainda que não tenhamos os elementos interpretativos, temos que mover algo no corpo, na mente. Sinto que isso não está acontecendo. A suspeita nos ajudou a sentir e, através do feminismo, a nomear: a violência sobre as meninas pelos usos e costumes nas comunidades indígenas.

No marco de uma comemoração, uns dias antes de 25 de novembro, já faz alguns anos, nos aproximamos do governo indígena, composto por 357 senhores representantes de mais de cem mil habitantes nessa comunidade, onde as meninas são roubadas para iniciar a vida marital obrigatória. Meninas que são roubadas de onze, doze, treze, quatorze anos. Dissemos ao governo indígena, porque é um tribunal de justiça indígena, que no dia 25 de novembro poderiam dizer como fazer com o seguimento das denúncias de meninas que estão sofrendo violência sexual. A resposta foi: “não temos nada a ver com isso, os problemas que serão solucionados aqui são problemas de terra, se você perdeu sua vaca, se terá de limpar onde nasce a água para beber na comunidade, se há um vizinho ou vizinha que está passando o limite do terreno, para limpar caminho, fazer trabalho comunitário; mas isso não é um problema porque assim é a vida. E se isso for um problema, não será solucionado aqui, mas nos tribunais de Jalapa”.

O governo indígena nos apoiou quando em 2008 nos levantamos contra a mineração. Mas que incoerência cosmogônica

defender a terra, mas não defender o corpo das meninas e das mulheres que vivem nessa terra. O abandono comunitário que hoje é parte da minha história, vem fazer denúncia de homens vinculados ao governo indígena que eram agressores sexuais. Quando você denuncia a violência sexual, imediatamente terá uma rejeição impressionante dos homens, porque operam mandatos e acordos patriarcais religiosos e ancestrais. Então, a cumplicidade entre os corpos das mulheres, e a cumplicidade de mulheres nas comunidades indígenas, de nos aproximarmos de outras irmãs em suas diferentes formas de resistências, nomeando-se ou não feministas, e em organizações feministas, é também vital nesse momento. Por isso acreditamos na *pluralidade feminista*.

O sistema patriarcal ancestral originário se funda antes da forma patriarcal colonial. Algo que me fez suspeitar muito foram duas coisas, uma quando se falava muito de que temos que respeitar o sagrado dos povos originários. A sacralidade se converteu, para mim, em uma suspeita: por que é sagrado? Por que não podemos falar? “Respeita os mais velhos, as autoridades ancestrais, porque isso é sagrado”, assim ensinaram e assim temos que fazer. Eu dizia: “O que há mais além?”. A sacralidade é algo que parecia haver chegado a nós como se tivesse descido de outras dimensões inexplicáveis, às vezes sinto que do mesmo modo se reproduzem em certos rituais. O que fazemos aqui neste lugar, quando acendi as velas coloridas, é uma invocação política coletiva, consciente, não foi um ritual. Venho desmontar os rituais. Isso parece um pouco como a igreja. Entre deus e os homens está o intermediário, Jesus Cristo homem. Entre o cosmos e nós está o guia espiritual intermediário. Por que não há guias espirituais mulheres – e se há, são poucas –, ou em alguns territórios ancestrais há só homens? Começo a suspeitar de tudo. Começo a suspeitar também que temos uma interpretação muito imposta, e muito com o que eu fui construída, estava construído sobre essencialismos. Isso me

causou muita dor, e chorei os lutos, as perdas, as dores de uma mulher indígena, por ter abraçado uma cosmovisão com o pacote que me foi designado.

Eu não escolhi ser mulher indígena. Estou orgulhosa dessa outra identidade política originária que estou construindo, e que não a construo sozinha. A suspeita cosmogônica me fez sentir porque os irmãos homens originários, na colonização espanhola que chamam Mesoamérica, o coração de Abya Yala, entregaram 524 mulheres aos colonizadores para que lavassem o ouro, e as entregaram para aplacar a fúria, a cólera, a fome e exerceram violência sexual. “Aqui estão as melhores mulheres, as jovens, as donzelas, aqui estão, comam-nas, façam o que quiserem com elas”. Para aplacar a ira, o medo, o terror, por que foi sobre os corpos das mulheres indígenas? Foram as primeiras lavadoras de ouro, para ensinar aos colonizadores. O que aconteceu ali? O que aconteceu nas disputas territoriais? O povo maya poqomam do oriente da Guatemala conta nas oralidades que disputa a territorialidade com o povo xinka, e o que ocorre é que em meio a essas disputas históricas levam as meninas e as mulheres. O povo xinka traz as meninas e as mulheres poqomam como o espólio da disputa territorial. O povo poqomam não falava xinka porque este não é um povo maya. São 23 povos mayas e o povo xinka é outro, e se sabe pouco de sua existência. Se os homens eram guerreiros e participavam da disputa territorial, onde estavam as mulheres? Nomeio isso como a divisão sexual da disputa territorial em Abya Yala.

## A cura como caminho cósmico político

Nós propomos a cura como um caminho cósmico político. Hoje as irmãs que estão fazendo defesa territorial têm uma luta

múltipla. Ter o corpo de uma mulher negra, de uma mulher indígena, nos coloca em uma estratificação bem desfavorecida. É mulher empobrecida, não fala o castelhano colonial, vive o machismo da manifestação patriarcal ancestral originária com teu marido indígena, está disputando a luta com o dirigente comunitário, com o funcionário público, com os seguranças das empresas de mineração, a polícia, os soldados. Uma das maiores ameaças hoje é a violência sexual sobre as defensoras do território-terra. Viver os efeitos dos múltiplos sistemas, essa estrutura de opressões, deixa nossos corpos doentes. Somatizamos de tal maneira que há muitas irmãs que passaram por tentativas de suicídios. Quando descubro a interpretação do que era a violência sexual, entrei numa depressão impressionante, porque por um lado e comunitariamente havia um mandato patriarcal que dizia que todas as mulheres tinham que ser virgens, casar-se para honrar a família e a comunidade. Eu já não era virgem, porque meu pai me violentava sexualmente. É muito complexo dizer como eu me sentia. Essas histórias de vida atravessaram o nosso corpo.

Há um enunciado que se torna forte para nós que é a defesa do território-corpo, porque nosso corpo é nosso primeiro território nessa relação de vida. Nós, mulheres, nascemos expropriadas de tudo, até do nosso corpo. Muitas das irmãs, nessa lógica de modelo neoliberal, não têm título de propriedade da terra, por exemplo, e menos ainda dos corpos. A nível continental, as mulheres indígenas e negras são as mais empobrecidas, as que não têm acesso às políticas de Estado. Não sabemos ler e escrever em castelhano colonial, não sabemos explicar por quê temos vinte filhos, por quê abortamos caladas e morremos, por quê temos a religião tão entranhada.

A cura como caminho cósmico político nos convoca a ir curando-nos. Queremos transformar lá fora, queremos chegar ao

Estado através da eleição e ocupar cargos, e gerar poder popular para transformar o mundo, mas aqui dentro, internamente, estamos tendo uma incoerência corporal, política. Essas reflexões me levaram a chorar muito, a despedaçar meu corpo, minha vida, minha história. Que forte foi para mim me assumir como mulher indígena! Mas da forma como a cosmovisão está construída, com tanto essencialismo, não quero ser mulher indígena. Não quero reproduzir outras lógicas de poder, porque eu como mulher indígena posso ser racista. Tive muita interpelação de outros lugares para o que eu digo. Em alguns momentos disseram que sou traidora dos povos originários por dizer isso, que estou dando mais elementos aos poderes hegemônicos para poder alimentar seu racismo. Como mulher indígena posso ser racista, posso me agarrar ao lugar da vitimização dos 500 anos e daí apontar a colonização e não assumir o que aconteceu antes disso. Era diferente, era outra manifestação patriarcal, tinha sua própria temporalidade e contexto, mas se configura e se torna forte quando chegam essas outras formas patriarcais. Dizer isso teve seus custos políticos, não foi fácil. Creio que é necessário trazer essa contribuição, porque talvez para esses lares, talvez esses fios não vieram totalmente por muitas razões. Falar de cura como caminho cósmico político é um lugar político, pessoal e consciente. Não sei quando morrerei, não conheço a temporalidade que tem essa corporalidade. Nem a ciência tem essa certeza de quando morreremos, a não ser que vá fazer eutanásia. Não temos a certeza de nossa temporalidade corporal, não temos isso. Mas o que tenho consciente nessa temporalidade, é que esse corpo traz a consciência de que nasceu aqui e agora, e não quando eu gostaria de nascer.

Eu queria ter nascido há 15 mil anos, tendo afetividades plurais, caminhando, comendo por aí, sei lá. Mas não, nasci aqui e agora, onde há racismo, patriarcado, extrativismo, feminicídio,

violência sexual. Mas asseguro que se eu morro hoje ou amanhã, morro como corpo emancipado. Em meio a isso, tece a possibilidade de reivindicar a alegria, que é uma energia vital que recupera politicamente as corporalidades com nós mesmas, com outras, outros, *autres* e com a natureza.

Eu acredito que viemos lutar cotidianamente na cama, na rua, na casa e viemos nos indignar muitas horas ao dia, e acredito que nessa possibilidade, no feminismo comunitário na Guatemala, falamos da cura com uma intencionalidade política, porque eu nasço com memórias de violências ancestrais, porque minhas avós e minhas tataravós sofreram violência sexual, e minha mãe viveu o racismo e muitas formas de violência, e eu nasço e venho viver outras violências. Trazer a cura como caminho cósmico, e trazer de forma consciente as memórias ancestrais curadoras das mulheres, das ancestrais, e essa sabedoria também convoca para curar nossos corpos e levantar nossos espíritos. Não quero relacionar espírito com religiosidade nem nada disso, só que em espanhol não encontramos outra palavra que se aproxime um tanto ao que queremos dizer como outras formas de vida e de existência, e terminamos dizendo espírito.

Mas então, para nós a cura ou as curas, no plural, também têm uma intencionalidade feminista, porque de repente hoje está na moda o autocuidado, e vamos ao spa e fazemos massagem, e tudo bem, isso cria bem-estar e relaxamento, mas mercantilizado, não é político. Também acreditamos nas abordagens profundas para movermos a raiva, a indignação, a violência sexual alojada e somatizada em nossos corpos, para vomitar essas dores, essas indignações, essas tristezas, liberá-las, porque vale a pena recuperar-nos e emancipar-nos, e reivindicar a alegria sem perder a indignação. As curas são caminhos plurais, não há uma maneira de curar, e creio que as curas entre mulheres e com mulheres



convoquem a uma intencionalidade feminista, porque se não, é só autocuidado despolitizado e mercantilizado, porque hoje se vende e bastante.

Um elemento de cura como caminho cósmico político implica a reflexão de nos curar com a energia vital da ternura. Vivemos tantas formas de violência patriarcal e ser feminista é bem difícil nesse momento, porque você se indigna a cada momento, 24 horas de indignação caso você esteja acordada 24 horas. Você se indigna com o rótulo ao sair, a canção na rádio, o que passa na televisão, o que o companheiro leva na camiseta, uma palavra, porque o companheiro é muito socialista, muito de esquerda, mas está te assediando de uma maneira muito sutil. Muitas coisas te indignam e você fica 24 horas indignada. Carregar essa energia da indignação nos corpos nos convida a sentir como a corda de um violão, da arpa. Assim você está agora, toca e vibra prolongadamente, e assim quer seguir saindo à luta, e aí vai ficar atirada. Assim a luta não convoca. Quantos derrames, neuralgias, crises emocionais há por tanta indignação que carregamos?

Quando temos os acompanhamentos de violência sexual, claro que me indigno, porque aparece uma história muito entrelaçada com a minha. Quando uma companheira vem e relata uma situação de violência sexual está canalizando uma energia de violência misógina contra seu corpo, há uma manifestação impressionante, e aí estamos várias irmãs escutando-a, sentindo-a.

Nós, na cosmogonia, também temos tecido a recuperação dos saberes das avós. Acompanhar, afetiva e amorosamente, essas histórias têm sido vital para nós. A recuperação da energia vital da ternura e sua transformação em política nos coloca em um primeiro espaço de relacionamento político com a irmã. Portanto, desmontamos a culpa, a vergonha, o estereótipo e trazemos a convocação curadora das ervas, dos azeites, das plantas, da palavra, do jogo, dos banhos, do chorar juntas, de dormir próximas.

Eu fui à academia e estudei psicologia clínica e psicologia social comunitária. Na relação terapeuta-paciente, desde a lógica colonial, se aborda que é preciso ser objetiva na análise do comportamento que está produzindo a crise dessa pessoa, interpretando sua psicopatologia. Por que coloco isso? A cura como caminho cósmico político rompeu uma lógica na história, porque a lógica dos apoios e das afetividades é política. Uma psicóloga nunca poderia chorar com seu paciente, ou sentir com o/a paciente, porque você não tem que reafirmar-lhe nada. É assim. Vamos dizer que na psicologia originária dos povos – ainda que não seja psicologia, mas espiritualidade – o fogo, a água, as ervas, o aroma, os incensos, o som, formam parte do momento curador.

Necessitamos, então, romper com a lógica colonial das corporalidades e trazê-las à dimensão dos sentimentos. Porque o sistema patriarcal construiu os homens dentro de uma interpretação errada da força emocional que não lhes permite chorar, enquanto as mulheres choram por tudo. Essas são as lógicas dos mandatos patriarcais que se construíram sobre os sentimentos.

Uma das intenções patriarcais é a de nos deixar um cálculo designado dos sentimentos e muitos deles vêm das raízes dos sistemas de opressão, muitas de nossas frustrações, dos desejos frustrados e ideias suicidas, dos pensamentos mais nefastos que temos, estão enraizados nas opressões patriarcais. Nós sentimos que vale a pena nos reivindicar nesta temporalidade, nos apoiar com outros corpos, porque vale a pena a energia vital dos corpos em sua pluralidade, para poder seguir caminhando nesse tempo de vida que nos resta, porque o sistema patriarcal não espera que rompamos a lógica com a qual nos construiu. Aprendemos a erotizar e a ter afetos dos corpos de modo binário. A linda energia

e riqueza espiritual de recriar-nos e reenergizar-nos para nos revitalizar com a pluralidade das corporalidades é maravilhosa e não nos deixa apenas com a erotização sexo-genital, mas também com uma erotização plural, espiritual, amorosa, afetiva e com a natureza. Só digo para sentir. Faz quanto tempo que não nos erotizamos com a natureza? Com um pôr do sol? Há quanto tempo você não se banha nua em uma lagoa, em um rio? Seu corpo experimentou a afetividade amorosa de uma pedra grande e quente pelo sol e você, em um entardecer, estendida sobre ela?

Erotizar-nos afetiva e amorosamente, e recuperar a energia vital da ternura, não a patriarcal, romântica e burguesa. Romper essas lógicas. Quando me perguntam em uma comunidade indígena: “Vocês que são feministas, estão contra os homens ou não?”. As feministas são lésbicas, machonas, assassinas de crianças, devoradoras de crianças, aborteiras, não têm marido. Esclarecemos, então, “Não querem os homens? Pois vejam que sim, mas não os homens construídos com a hegemonia patriarcal, e sim aqueles corpos que questionam sua identidade atribuída de machos, masculinos, varões e homens na lógica patriarcal, que se compadecem e se desenraízam dos privilégios com plena consciência, aqueles que choram e sofrem a imposição do patriarcado em seus corpos e se colocam com honestidade frente à vida, de significar sua existência em outras relações harmônicas para a vida”.

Convocam-me a energia plural dos corpos e da natureza, a energia que não constrói hegemonia, convocam-me os feminismos que são amorosos e afetivos para tecer, porque acredito na pluralidade feminista hoje nos diferentes corpos, somos as que temos a maravilhosa responsabilidade histórica de tecer a Rede da Vida aqui e agora.

Não creio que haja uma só forma de interpretação das opressões no mundo e não acredito que um só feminismo

determine como as mulheres devem se emancipar. Não acredito porque isso seria cair em uma incoerência política, e como feminista tenho suspeita cosmogônica, creio na pluralidade feminista dos povos, das comunidades, que contribuem com seu fio amoroso no tecer, mas onde a diferença não se torne hegemonia.

O princípio da cosmogonia é a pluralidade da vida. Se me perguntam se sou socialista, não sou. Mas reconheço que há muitas intenções em muitos lugares que estão nos interpelando, que sim é possível tecer hoje um socialismo que se revitalize e contribua a partir de suas apostas contra as muitas opressões. Creio que a partir de uma pluralidade emancipatória é possível contribuir para o tecido da Rede da Vida.

Algo que também está nos convocando em nossos territórios é que sentimos que a luta atual não é apenas social, política e feminista ou socialista. Para nós, é uma luta muito espiritual, e como espiritualidade rompo a lógica das religiosidades, que para nós é um ato pessoal, político e consciente de teu ser, estar aqui e agora, nesse lugar do cosmos onde nascemos, vivemos e caminhamos. Esse estar aqui nos convoca a nos sentir nessa reciprocidade da vida, ou estamos também rompendo com essa Rede da Vida? Isso nos chama a fazer uma autoconvocatória de cura. Nenhum processo é obrigatório, não posso dizer a uma companheira que tem que se curar. É um ato pessoal, político e consciente de recuperação de amor por tua vida e por querer morrer aborrecendo o patriarcado. Viver e morrer em um ato consciente de dignificação. Porque se você está passando por etapas depressivas, você está sob os efeitos malditos dos sistemas de opressão. Se você tem uma irmã com um padecimento físico atrás de outro, há amorosamente uma possibilidade de acompanhá-la, autoconvocando-nos.

Curar convida a nos apoiar para que fluam as vozes plurais da Rede da Vida. E sinceramente me sinto muito revitalizada de

estar aqui. É um presente político, espiritual e feminista estar aqui com vocês, com a energia de irmãs originárias, povos e terra no sul de Abya Yala.

Há alguns dias eu via as imagens de milhares de pessoas aqui na Marcha Internacional das Mulheres, com toda a jornada do *Ni Una Menos*, e tudo o que se fez em vários países, mas estar aqui, caminhar aqui em um 25 de novembro, vocês não sabem o que levo daqui e por ter me aproximado através de vocês à Reina Maraz e a outras irmãs que estão fazendo uma defesa territorial histórica. Eu asseguro a vocês que esse sim é um impacto energético para a transformação profunda dos poderes hegemônicos.

Eu credito na pluralidade transformadora na Rede da Vida, quero deixar isso para que sintamos essa possibilidade de saberes tecidos que hoje convocam como uma emergência política e também como uma energia amorosa. Com tanta violência patriarcal, eu sigo crendo na energia vital da ternura e do erotismo para a transformação do território corpo-terra.